

MULTIPLICIDADE DE PAPÉIS E SATISFAÇÃO CONJUGAL

Tamires S. Rios; Clarissa M. Trentini (orientador)

Colaboração em forma de supervisão da Doutoranda Silvana Oliveira

Introdução

A entrada efetiva das mulheres no mercado de trabalho propiciou transformações importantes nos contextos familiar, profissional e conjugal (Barbosa & Rocha-Coutinho, 2007). Uma delas, referida por Almeida (2007), é a multiplicidade de papéis que as mulheres desempenham nesses contextos sob uma expectativa de máxima eficiência. A interação entre tantos papéis parece ser um desafio, pois além de algumas funções ainda serem encaradas como essencialmente femininas, como por exemplo o cuidado dos filhos, alguns papéis são culturalmente vistos como excludentes, como carreira profissional e maternidade e/ou vida conjugal. Em geral, ainda impera a imagem da mulher cuidadora e do homem provedor (Galiza & Fontoura, 2009).

Nesse contexto, ações como delegar parte do cuidado com os filhos a terceiros ou instituições para dedicar-se mais ao trabalho ou à vida conjugal não constitui tarefa fácil para a maioria das mulheres (Delgado, 2005). No campo da conjugalidade, homens e mulheres mostram-se dispostos a investir na relação mesmo reconhecendo as dificuldades próprias dos casais de dupla carreira (Perlin & Diniz, 2005).

Justificativa e objetivos do estudo

O presente estudo objetivou compreender como a multiplicidade de papéis interfere na percepção da qualidade da relação conjugal e satisfação com a mesma na visão de mulheres com relacionamento estável, profissionalmente ativas e com filhos de até quatro anos de idade.

Método

Delineamento

Estudo de caso coletivo (Stake, 1994), no qual as participantes foram contatadas em instituições educacionais e em locais de trabalho de Porto Alegre.

Participantes

Foram selecionadas por conveniência quatro mulheres entre trinta e quarenta anos de idade, com pelo menos cinco anos de relação estável com coabitação e de atividade profissional remunerada de turno integral. Além disso, todas tinham o filho primogênito com até quatro anos de idade.

Instrumento

Entrevista semi-estruturada a partir da temática multiplicidade de papéis com foco na relação conjugal.

Análise dos dados

Análise de conteúdo qualitativa (Bardin, 1979) para examinar a percepção das participantes em relação à conjugalidade frente à multiplicidade de papéis.

Resultados

Todas as participantes referiram sensação de desorganização em relação a sua vida como um todo. As principais mudanças na conjugalidade após o nascimento do filho foram aumento da união entre o casal e de planejamentos para o futuro, restrições de lazer e abalo financeiro. Para três das quatro entrevistadas, a relação conjugal sofreu mudanças de foco com o nascimento do filho, que passa a ser o centro da vida conjugal, seguido do trabalho e, em terceiro lugar, o casamento.

Para duas delas, na ausência da relação conjugal seria necessário firmar parcerias com mães ou irmãs, por exemplo, para dividir as responsabilidades sobre a criança. Esse apoio é coerente com o que as participantes esperam de um relacionamento a dois ideal, pois com unanimidade identificou-se principalmente como característica do companheiro a aceitação de uma divisão igualitária de responsabilidades sobre os filhos e a casa.

Ao imaginar-se sem vida profissional, exercendo exclusivamente os papéis de mãe, do lar e esposa, todas as entrevistadas relataram que tornariam-se infelizes e incompletas, tendo como resultado problemas conjugais. Por fim, quando solicitadas a mensurar a satisfação conjugal, nenhuma das participantes considerou-se completamente satisfeita com o relacionamento a dois.

Considerações finais

No contexto da multiplicidade de papéis envolvendo a presença de filhos pequenos, algumas das condições para maior satisfação conjugal referidas pelas participantes envolvem desempenho do marido enquanto pai e realização profissional e materna.

Sendo assim, embora a melhoria da união entre o casal tenha sido a mudança pós-maternidade, mais citada na relação a dois, pode-se pensar que tal união estaria mais próxima de uma parceria enquanto equipe que objetiva, em especial, o bem-estar do filho e não tanto o casal propriamente dito. Além disso, essa hipótese também poderia ser reforçada pela constatação de maior nível de satisfação das participantes com a maternidade comparativamente ao relacionamento conjugal.